

Virgílio, *Eneida*. Tradução, introdução e anotações de Carlos Ascenso André. Lisboa, Edições Cotovia, 2020. ISBN 978-972-795-398-1. 431 p.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA¹ (*Universidade do Minho — Portugal*)

Nunca se poderá afirmar que, ao cabo de dois milénios, já foi dito e escrito tudo quanto se possa ainda dizer sobre Virgílio. Sabe-se que uma eventual biblioteca que reunisse todos os comentários e estudos elaborados em torno da obra virgiliana, ao longo de mais de dois mil anos, ocuparia quilómetros e quilómetros de estantes. E cada obra que a cada passo vai surgindo, nas mais diversas línguas e culturas, entrará a fazer parte dessa incomensurável Biblioteca Virgiliana.

É o que se passa com a chegada às bancas, em julho de 2020, de uma nova tradução da *Eneida* de Virgílio, da autoria de Carlos Ascenso André, que foi durante vários anos professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na área dos Estudos Clássicos. O facto constitui, por si só, um evento cultural de magna importância e o momento foi (e é) de grande regozijo para todos os estudiosos da obra virgiliana, em particular os de língua portuguesa. Lembre-se que o tradutor foi muito recentemente eleito como membro da Academia das Ciências de Lisboa – Série de Letras, em reconhecimento do seu trabalho não apenas na área dos Estudos Clássicos, mas também na dos Estudos Renascentistas. Desta forma, o ano de 2020 ficará, sem dúvida, como um marco na vida académica e pessoal deste professor e investigador e tradutor literário.

Acontece que, com o passar dos anos (e dos séculos), muitos estudos e traduções ressentem-se do tempo em que foram feitos. Cada época traz novas leituras, reavalia o passado à luz dos novos tempos e procura proceder a um *aggiornamento* da tradição. E da tradução. Inevitavelmente, algumas dessas traduções transportam consigo, no léxico e na sintaxe, o sinal do tempo em que foram feitas. Antes desta nova tradução, outras houve, naturalmente, em prosa e em verso, como comprovará qualquer estudo que abranja a totalidade da obra virgiliana. Veja-se, por exemplo, o volume intitulado *Virgílio e a*

DOI 10.34624/agora.v0i23.24460.

¹ virginia.soarespereira@gmail.com.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 23 (2021) 355-394 — ISSN: 0874-5498

Cultura Portuguesa: Actas do Bimilenário da morte de Virgílio, saído em Lisboa, em 1981. Carlos André, também ele poeta, optou por traduzir a *Eneida* em verso, o que permite ao leitor confrontar a tradução com o respetivo passo do original latino e perceber que está perante uma tradução do maior poema épico da Literatura Latina, composto, como era forçoso, em hexâmetros dactílicos. Além disso, esta tradução é fruto de uma grande prática na arte de bem traduzir. Quem acompanha o percurso académico do tradutor sabe que já traduziu várias obras de Ovídio, considerado, depois de Virgílio e Horácio, o terceiro maior poeta romano.

Esta nova tradução da *Eneida* tem a coroá-la, muito justamente, a dedicatória e homenagem “À memória de Walter de Medeiros”, o professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que lecionou, no primeiro curso de Mestrado Em Literatura Novilatina em Portugal, a cadeira de Épica Latina, quase integralmente consagrada ao estudo do poema épico virgiliano, e que deixou fortes marcas nos mestrandos de então, entre os quais o atual tradutor e quem faz a presente recensão. Assim se compreendem bem as próprias palavras de Carlos André (p. 31): “Quem assina esta tradução aprendeu a ler Virgílio com um saudoso mestre, a quem muito deve no exigente ofício do tradutor e na procura da beleza que existe em cada palavra — o Professor Walter de Medeiros.” Pela minha parte, gostaria de lembrar, a este propósito, que este mesmo extraordinário professor publicou, no *Boletim de Estudos Clássicos*, alguns artigos magistrais, de uma grande riqueza científica e sensibilidade poética, sobre as dificuldades que enfrenta o tradutor quando pretende traduzir poetas, gregos e latinos, como Calímaco, ou Virgílio, ou Horácio, ou Propércio, entre outros. São verdadeiras propostas de traduções genialmente comentadas. Apresentam significativamente o sugestivo título de *A cruz do tradutor*.

Serve esta última referência para sublinhar quanto é importante ter consciência de que traduzir a *Eneida*, em prosa ou em verso, é um trabalho de grande dificuldade, que em muitos passos roça, por assim dizer, a intraduzibilidade. Já assim pensava, em 1844, António Feliciano de Castilho, ao afirmar que o autor da *Eneida* é “o mais perfeito, o menos transfusível dos poetas” e voltará a dizer, em carta a D. Pedro V: “Virgílio, já tantas vezes traduzido em português, e ainda hoje [sc. 1859] por traduzir” (cit. de C. Castilho

Pais, António Feliciano de Castilho: *O tradutor e a Teoria da Tradução*, Coimbra, Quarteto Editora, 2000, p. 158).

O próprio tradutor manifesta clara consciência dessa dificuldade, quando afirma (p. 28): “É impossível verter para português a imensa riqueza e beleza dos versos de Virgílio”, em resultado da natureza de ambas as línguas, da concisão própria da língua latina e do grande poder sugestivo de muito do seu léxico. “Somemos a tudo isto as características prosódicas da poesia latina, a estrutura rítmica, a arquitetura do verso e da frase; e, como se já não fosse pouco, a diferença da massa fónica e da potencialidade imagética, determinantes, uma e outra, em poesia.”

Pura verdade. A poesia virgiliana é verdadeiramente capaz de condensar num só verso um mundo insuspeitado de sugestões. Praticamente todos os versos têm essa capacidade. Sirvam de exemplo os dois hexâmetros que assinalam o início da descida de Eneias e a Sibila aos Infernos:

*Ibant obscuri sola sub nocte per umbram
perque domos Ditis uacuas et inania regna. (Eneida 6. 268-269)*

Qualquer tradução é incapaz de apreender as múltiplas implicações semânticas e métricas destes dois versos. Este momento do início da catábase de Eneias, da entrada num submundo de sombras, tenebroso e assustador, é marcado, no primeiro verso, pela sucessão dos quatro espondeus, um dátilo e um troqueu (que conformam um hexâmetro dactílico feito quase em exclusivo de sílabas longas), o que confere ao hexâmetro um andamento lento, próprio de quem vai entrar numa floresta à noite, ou num corredor sem luz, como sugerem as vogais “escuras” (predomínio de “u”) e, marcando esse momento de solidão na escuridão sem luz, o léxico escolhido (*obscuri, sola, sub nocte, umbram*); segue-se-lhe um verso constituído predominantemente por dátilos, suscetíveis de sugerir a imponderabilidade e o vazio do caminho descendente de acesso ao reino dos mortos, habitado apenas por sombras fantasmagóricas. Acresce que a colocação das palavras e as pausas métricas contribuem para sublinhar o sentir e a insegurança do momento, como parecem sugerir a pausa pentemímera que isola *obscuri* e, no verso seguinte, *Ditis* (“de Dite”, isto é, de Plutão).

Posto isto, e ainda que o tradutor aluda a dificuldades que enfrentou, diga-se que a presente tradução é de grande qualidade e beleza, e traz ao con-

vívio de todos nós um léxico preciso, especioso e muito rico, além de poético, e que, na estrutura frásica, sugere e reflete bem o original latino, com a sua sintaxe inimitável ou irreproduzível noutra língua. Seriam sem conta os exemplos do que acabo de afirmar e tal não é o objetivo da presente recensão. Proponho, a título de exemplo, que saboreemos a tradução dos vv. 25-36 do Canto VII, que registam o avistamento, por Eneias e seus companheiros, da ansiada chegada à foz do rio Tibre:

*E já com seus raios tingia de vermelho o mar, e do alto céu
refulgia a rubra Aurora em seu carro rosado,
quando os ventos amainaram, e toda a aragem parou
de repente, e em mármore sossegado lutam os remos.
E aqui, Eneias observa do mar um imenso bosque.
Pelo meio dele, o Tibre, em amena corrente,
com rápidos remoinhos e aloirado da imensa carga de areia,
corre para o mar. À volta e por cima, aves variadas,
afeiçoadas às margens e ao leito do rio,
traziam calma aos ares com seu canto e voavam pelo bosque.
Inflectir a rota e apontar as proas para terra é o que ordena
aos companheiros, e com alegria penetra no rio coberto de sombras.*

Este passo surge em contraste com o momento que o precede, o costear do abismo das praias controladas pela feiticeira Circe e seus animais ferozes e ululantes. Com a proteção de Neptuno, Eneias e os companheiros entram num mar de calmaria (v. 28 “em mármore sossegado”, *in lento marmore*) que os conduz até à embocadura do Tibre, um verdadeiro *locus amoenus* que lhes dá alento e alegria para avançarem, apesar das sombras.

Relativamente à organização do volume: como é habitual neste género de obras, uma Introdução faz uma breve apresentação, em vinte e duas páginas, do meio poético, histórico, filosófico e político no qual teve origem o poema em análise, quando os ideais da república se tinham esboroado e estava em ascensão o caminho e a figura que daria início ao período imperial. Carlos André não deixa de lembrar que Virgílio, ao conjugar o universo político de Augusto com a sua ascendência mítica e ao celebrá-lo na figura de Eneias — evitando desse modo claros elogios e censuras —, se revelou um poeta de génio e fez da *Eneida* o poema do Século.

Segue-se uma Bibliografia, de pouco mais de duas páginas, que evita a tentação de ser exaustiva, já que, como é dito na p. 33, tal desiderato seria in-

comportável, além de a obra se destinar ao grande público. É também essa a razão pela qual as notas ao texto se reduzem ao mínimo necessário, capaz de dilucidar algum aspeto menos conhecido, mas importante na compreensão do passo em questão.

Voltando ao poema e à tradução, não quereria terminar sem lembrar o verso que encerra a *Eneida* (12. 952):

uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras.

“e a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras.”

O poema termina com as palavras *sub umbras* (“para o mundo das sombras”), que assinalam o final do duelo de morte entre Eneias e Turno, chefe dos Rútulos, que soçobra às mãos do seu rival e maior oponente, Eneias.

Tal como acontece com a palavra que encerra *Os Lusíadas*, “inveja”, também este verso, e este passo, têm suscitado um intenso debate sobre o real significado do episódio final da *Eneida*, do termo *indignata* e do segmento *sub umbras*, que lhe conferem uma tonalidade de fundo pessimismo que mal se coaduna com o teor de um poema épico. A vida de Turno — um guerreiro de grande valentia que lutara pela independência do seu povo e da Itália, e pela mão de Lavínia, e que pede clemência ao invasor quando já nada mais lhe resta — esvai-se, revoltada, para o reino das sombras. Revoltada porque os fados lhe foram adversos e lhe retiraram as forças de que necessitava naquele momento crucial. Revoltada porque se sentiu injustiçada. Revoltada porque o seu valor heroico teve de se vergar a um poder mais forte, que Eneias simbolizava. Para os Gregos e Romanos, o reino das sombras, o reino de Hades, Plutão ou Dite, era um reino privado de luz e o lugar do esquecimento. E Turno perguntar-se-ia, talvez: de que valera toda a sua vida de luta? Como compreender a cruel desumanidade de um herói, Eneias, que sempre pautara a sua conduta pela *pietas* para com o vencido? Que ganhou o herói troiano, agora visionado como futuro romano, com tanta inclemência, ele que era já o vencedor? Que quis o poeta significar com este desfecho algo inesperado e desconcertante? E com tal sentimento de frustração? E que tem este final a ver com Augusto, o *Princeps* que tanto se empenhou na edição póstuma do poema?

Tantas perguntas que suscita a leitura da *Eneida*, a cada passo, a cada momento, a cada *implicit comment*! Ainda hoje, decorridos dois mil e quarenta anos, o poema continua a interpelar-nos. Porque, queiramos ou não, somos

herdeiros de Virgílio — justamente considerado o pai da cultura ocidental — e da sua obra, em particular da *Eneida*.

É importante, por isso, lê-la ou revisita-la de novo, voltando ao prazer de a reler, agora na nova tradução classicamente fiel, em verso, de Carlos Ascenso André.

Frederico Lourenço (ed.), *Latim do Zero a Vergílio em 50 Lições*. Lisboa: Quetzal Editores, 2020, 925 pp.; ISBN: 978-989-722-702-8.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA² (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA),
Universidade de Aveiro — Portugal*)

O projeto *Latim do Zero a Vergílio em 50 Lições* teve origem, conforme pode ler-se no Prefácio (p. 13), numa página da internet criada por Frederico Lourenço em março último, como forma de o docente manter motivada a sua turma de Poesia Latina quando as aulas em regime presencial na Universidade de Coimbra foram substituídas pelo ensino a distância. A página do Facebook *Vergílio em Coimbra*, através da qual o Autor esperava aprofundar com os seus 21 alunos o estudo do poeta latino, depressa atraiu numerosos seguidores, em Portugal e no Brasil, que não apenas queriam conhecer Vergílio e a sua poesia como manifestavam vontade de aprender latim.

Num instante, o projeto deu lugar a nova página do Facebook, *Latim do Zero para a aprendizagem do Latim*, que em poucos dias alcançaria milhares de seguidores, ávidos de aprender a língua latina. Na introdução, o classicista desafiava os visitantes da página: “E que tal aproveitarem esta fase de recolhimento para aprender Latim? Vou postar todos os dias uma lição de Latim, começando do zero. O saber não ocupa lugar; e o latim é (acreditem) a língua mais bela e expressiva que se possa imaginar. Aceitem o meu desafio e embarquem nesta aventura!”

Meses depois, o projeto converteu-se em livro. O objetivo da publicação era claro para o A., “proporcionar um ensino mais sistemático e mais aprofundado: começando do zero, vão sendo construídas as bases gra-

DOI 10.34624/agora.v0i23.24478.

² emilia.oliveira@ua.pt.